



Povos indígenas lutam por melhores condições de vida

Danielly Ramos



Fome e falta de saneamento são problemas enfrentados mesmo em terras demarcadas. Mais de 100 indígenas são assassinados a cada ano no País.

Página 6

Crise econômica amplia a diferença entre ricos e pobres

Desde 2014, o Brasil registrou um aumento de novos milionários, de acordo com a Anbima. Em contrapartida, a média salarial dos trabalhadores diminuiu 3,3%, segundo o IPEA.

Página 3

Rap feminino cresce no cenário brasileiro

Igualdade, respeito e representatividade ganham as letras das MCs

Página 11

Brasil é referência em amamentação

Conheça o funcionamento dos bancos de leite e outros programas em prol do aleitamento materno

Página 8

Mães de LGBTQ+ se unem para auxiliar filhos e filhas a quebrar barreiras

ONG Mães pela Diversidade e Grupo de Pais de LGBTQs conversam sobre sexualidade e trocam experiências na busca pela convivência digna

Página 5



Jorge Garcia

Saiba como proteger sua intimidade nas redes sociais

Cresce o número de denúncias contra a exposição de fotos íntimas na internet por conta de relacionamentos rompidos.

Página 7

MUROS, DIVISÕES E FRAGMENTAÇÕES

Pe. Dr. Jakson Ferreira de Alencar
Pró-diretor Acadêmico

Em sua obra *Aldeia Global*, McLuhan previa o fim de milhares de anos de fragmentação dos seres humanos, numa era de comunicação em que “todos os indivíduos, seus desejos e satisfações, estão copresentes” (1989, p. 94). Diversos autores seguiram essa mesma linha. Acabariam os “paroquialismos” psíquicos, sociais, econômicos, políticos, com os velhos agrupamentos cívicos, estatais e nacionais que estariam se tornando “impraticáveis”. Mas a realidade está escapando dessas previsões.

As fragmentações não só continuam, como também aumentam, os individualismos aumentaram exponencialmente e, a comunicação digital que interligaria todos com todos e destruiriam todas as divisões e fronteiras, tem criado “bolhas” bem fechadas entre afins e semelhantes. Embora tenha havido um aumento na consciência de planeta, de cultura, os agrupamentos sociais e nacionais e os separatismos continuam existindo em todos os lugares do mundo, tendendo a se reforçar, como reação às imposições de abertura. Mesmo em países consolidados há muito tempo, ganharam forças movimentos separatistas, como é o caso da Espanha com a Catalúnia e o País Basco, e da Escócia em relação ao Reino Unido, por exemplo.

Por todo o mundo as pessoas prezam seus países e na quase totalidade não abrem mão de sua nacionalidade, dos valores e cultura ligados a ela ou a seus grupos. Em geral, os países que mais propalaram o discurso do fim das fronteiras e nacionalidades são os que mais

defendem as próprias. Caiu o muro de Berlim, mas levantaram-se outros de grande significado, como o existente entre os EUA e a América Latina; entre Índia e Bangladesh; Israel e Palestina; barreiras para dificultar a entrada de imigrantes na Europa; muros ou outras formas de barreiras e separações entre classes sociais. Contam-se no mundo hoje 70 muros de divisões entre nações (desglobalização em marcha rápida), sem contar os muros altíssimos e fortes aparatos de segurança dentro das próprias cidades.

David Harvey defende que não existem apenas os excessos e a competição dos interesses, das ambições, dos poderes, das explorações, que de resto favorecem a situação atual do mundo; não apenas as fúrias fanáticas que exacerbam os entrecosques culturais. Há também o fato de que tanto os individualismos ocidentais quanto os comunitarismos por toda parte se amplificam conjuntamente em todo o planeta e favorecem o mal primordial da incompreensão humana. (Harvey, in: *Por uma outra comunicação*, p. 363-364).

Quando o outro é ameaça, quando tudo é aberto, cada um fecha-se nas próprias certezas e seguranças. Ampliam-se, assim, os isolamentos causados pela globalização: o isolamento dos excluídos dos mercados e dos que não têm acesso às tecnologias da comunicação e, o mais curioso, o isolamento dos que têm muito acesso a tudo isso, mas se fecham aos outros.

Boa leitura.

FAPCOMUNICA

ANO 5 - NÚMERO 11 - DEZEMBRO DE 2018

EXPEDIENTE

FACULDADE PAULUS DE COMUNICAÇÃO
Rua Major Maragliano, 191 - Vila Mariana
CEP 04017-030 São Paulo (Brasil)
Tel. (11) 0800 709 8707 • (11) 2139-8500
www.fapcom.edu.br

Direção: Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pró-direção Acadêmica: Pe. Jakson Alencar
Pró-direção Administrativa: Pe. Valdecir Pereira Uveda
Coord. curso de Jornalismo: Profª. Márcia Avanza

Conselho Editorial:
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito
Pe. Jakson Alencar
Pe. Valdecir Pereira Uveda
Profª. Marcia Avanza
Prof. Vanderlei Postigo
Profª. Lilian Crepaldi
Prof. Claudenir Módolo Alves

Coord. de redação:
Profª. Lilian Crepaldi - Mtb 43.315
Projeto Gráfico e coord. de diagramação:
Prof. Maurício Gasparotto - Mtb 22.546
Revisão: Prof. Claudio Fatigatti
Equipe de redação: alunos do III Semestre do curso de Jornalismo (matutino e noturno)
Equipe de diagramação: alunos do V Semestre do curso de Jornalismo matutino

Impressão: Gráfica Paulus
Tiragem: 2.000 exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

fapcom.edu.br 0800 709 8707

PRA VOCÊ QUE TEM CERTEZA!

TEZA!

VESTIBULAR
2019

BOLSAS de até **100%**

Jornalismo

Publicidade e Propaganda

Fotografia

Filosofia

Relações Públicas

Multimídia

Audiovisual

Rádio, TV e Internet



Melhores Cursos de Comunicação de SP (MEC)



FAPCOM

Mais que um nome,
CONTEÚDO.

“Super ricos” ignoram crise no País

Renda média geral cai e favorece o aumento da desigualdade econômica

JONATAS SERRA

A crise econômica no Brasil, que se iniciou no início de 2014, quatro anos depois começa a dar sinais de que pode estar indo embora. Apesar de ter atingido 14 milhões de desempregados e forçar o trabalhador à informalidade, alguns dados relativos a esse período surpreendem. De acordo com um relatório divulgado pela Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiros e de Capitais (Anbima), o Brasil ganhou mais de 5 mil milionários em 2017, representando um aumento de 4,8% em apenas um ano. Outro levantamento, feito pelo economista Sérgio Gobetti do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), revela que a renda dos “super ricos”, aqueles que recebem mais que 160 salários mínimos por mês, cresceu aproximadamente 2% acima da inflação, no período de 2014 a 2016, contrariando a queda do PIB do Brasil. Em contrapartida, a renda média do contribuinte brasileiro caiu 3,3% no mesmo período. Os números do final de 2018 já mostram uma queda no número de milionários: de 190 mil em 2017 para 154 mil em 2018, segundo relatório do Banco Credit Suisse.

Os setores produtivos foram os principais afetados pela crise. Os chamados Bens de Consumo, que são alimentos, roupas, móveis, entre outros, foi um dos segmentos mais penalizados. Corte de funcionários, fechamento de lojas e filiais e diminuição de investidores foram algumas das consequências. Por outro lado, setores como a agropecuária se fortaleceram durante o período, alcançando valores expressivos se comparado a outros anos. Os bancos parecem ter sido os menos afetados, dominando o ranking das empresas que mais lucraram nos últimos anos. Os banqueiros, acionistas e investidores ligados a essas instituições compõe parte desses “super ricos” que lucraram durante a crise. “Os bancos se dão bem tanto quando a economia está crescendo, porque as pessoas fazem empréstimos, quanto em uma situação de crise, onde as taxas dos juros aumentam e eles podem tirar vantagem disso. As possibilidades de eles aproveitarem as oportunidades são muito maiores do que em outros setores”, comenta o professor doutor em História Econômica pela USP Adalton Diniz, 57, que atualmente leciona Economia na Faculdade Cásper Líbero. Empresários do ramo agrícola, investidores em



títulos públicos e importadores de artigos de luxo também podem compor esse grupo que lucrou, por serem áreas não afetadas diretamente pelo mau momento do país.

Na vida do trabalhador, as consequências são vistas no dia a dia. Eles são os primeiros a sentir os impactos da crise, como cortes de funcionários, e são os últimos a perceber qualquer melhora no cenário econômico. “Segundo as estatísticas as coisas estão melhorando, mas você não vê isso. Só para os empresários que está melhor, porque para quem depende do serviço, não melhorou nada. Você vê a maioria do pessoal desempregado”, critica José Andeli dos Santos, 48, encanador, que perdeu o emprego no início do ano.

Outro grupo afetado são os estudantes, que sofrem para conseguir entrar ou recuperar um lugar no mercado de trabalho. Marcio Alves Bernardo, 24, estudante de administração, perdeu o emprego no início de 2015 e afirma que a crise foi um grande retrocesso na sua vida. “Estou perdendo tempo em que poderia estar adquirindo experiência e conhecimento no mercado de trabalho”, declara. O jovem diz que tem feito trabalhos voluntários para tentar compensar a falta de oportunidades. O estudante de Ciências Atuariais Tiago de Água Santos, 20, também sente o momento delicado do país. Ele afirma que, desde que ficou desempregado em janeiro, já enviou mais de 100 currículos e que nem para entrevistas é chamado, apesar de ter boas qualificações. Ele conta que os estudos também estão em risco e que

Morumbi e Paraisópolis, duas realidades distintas (acima). Moradias precárias e falta de saneamento básico afetam a população de Altamira no Pará (ao lado)

difícilmente continuará, se não conseguir um emprego em breve. “Eu não consigo mais pagar minha faculdade, estou devendo 2, 3 meses. Estou mandando currículo para todo lugar, tentando me virar. Tudo vai depender de eu conseguir uma renda fixa”, explica o jovem.

Impostos

Apesar de ainda não haver nenhum estudo formal que comprove, todos os indícios levam a crer que, no período da crise, houve um aumento da desigualdade econômica no Brasil, que vinha diminuindo nos últimos anos. Essa situação reacende um debate polêmico que sempre entra em pauta quando se trata de desigualdade econômica: os impostos.

Um dos pontos centrais do debate é a tributação sobre os lucros e dividendos, que é o lucro das empresas repartido entre os seus investidores, e que é de onde provém a maior parte da renda dos mais ricos. Atualmente, diferente da maioria de outros países, só há impostos sobre o lucro da empresa, e quando se divide a renda entre os acionistas, não há nenhum tributo cobrado. Os críticos de uma Reforma Tributária afirmam que esse sistema evita burocracias, já que todos os impostos seriam cobrados direta-



mente da empresa uma só vez, evitando também fraudes, como a sonegação.

Já os defensores de uma Reforma Tributária argumentam que o sistema de impostos do Brasil é importante para se entender e tentar mudar o cenário de concentração de renda no país. “A tributação no Brasil é altamente injusta, ela não contribui para a redução da desigualdade. Ela penaliza quem ganha menos em detrimento de quem ganha mais. Em um período de crise, onde a desigualdade tende a aumentar, evidentemente que essa estrutura tributária vai ser mais um fator que irá contribuir para esse aumento”, afirma Diniz. O economista defende que é justo que as pessoas que ganhem mais arquem com um peso maior para manter o Estado, enquanto os mais pobres fiquem com um peso menor ou, até mesmo, peso nenhum.

A professora mestre em Direito Tributário da faculdade Mackenzie Mariana Baeta Neves, 36, é mais crítica e afirma que apenas reformas tributárias não são suficientes para amenizar a desigualdade. “Precisamos pensar antes em uma reforma política e, mais do que isso, não

é focar só em formas de aumento de arrecadação, tem que pensar em uma cidadania fiscal e conscientização da população. Está enraizado no pensamento do empresariado de que eles não devem entregar dinheiro para o governo, sendo que isso é um dever coletivo”, explica a advogada. Uma postura a favor do contribuinte, deixando de presumir que ele está cometendo alguma fraude como ocorre hoje em dia, uma maior tributação sobre o consumo, e não sobre a renda em si, e fazer com que seja cumprido o que já está previsto na Constituição Federal, que muitas vezes é desrespeitado, são itens que devem estar em pauta em uma eventual Reforma Tributária, de acordo com Mariana.

Atualmente, há uma proposta de Reforma Tributária apresentada pelo Deputado Luiz Carlos Hauly que vem passando por processos de aperfeiçoamento nos últimos meses, com colaboração de deputados e da sociedade em geral. Não se sabe ainda quando ela estará finalizada e pronta para tentar ser aprovada no congresso.

DIAGRAMAÇÃO: TAINÁ OLIVEIRA E LUCAS LIMA

Um novo vilão do orçamento familiar

A mudança na política de preço da Petrobrás tornou o gás de cozinha o principal problema na renda do brasileiro

YAN CRUZ

O gás de cozinha foi um dos vilões no orçamento familiar em 2017. Segundo o IBGE, o aumento de 16,39%, em relação ao ano anterior, tornou esse instrumento essencial em mais um problema para as famílias de baixa renda. O fruto desse problema foi a inauguração da nova política da Petrobras, de acompanhamento mais próximo das cotações internacionais de combustíveis.

Para a artesã Vilma o impacto foi tão alto que representou uma mudança na alimentação, relatou “Bem grande. Mudou tudo né, porque aí você gosta de alguma coisa, e você tem de eliminar porque aperta bastante”. No caso da Cleide, enfermeira e mãe de três filhas, a saída está sendo usar o micro-ondas, e evitar o uso de forno, disse “Aumentei as porções e congelei os alimentos, após o cozimento, para descongelar no micro-ondas”.

No começo do ano, a estatal anunciou uma nova mudança na regulação do preço do botijão, agora passará por modificações a cada três meses, ano passado, no período entre junho e dezembro, a alteração era mensal. O método



Antônio Flávio

Roubo de botijões de gás já se tornou constante e empresas contratam seguranças

de regulação contínua o mesmo, acompanhando as variações de propano e butano (gases usados para fazer o gás de cozinha) no leste europeu, com uma taxa para margem de lucro para a Petrobrás.

A Gislane, diarista, declara sobre o aumento “Bem grande, devastador, foi uma diferença que a gente sente mesmo”.

E ainda faz um alerta sobre alguns revendedores “Fora que tem empresas que vendem adulterado aí dura menos o gás, mas sinceramente eu achei constrangedor porque é a base de uma casa, então eu achei que foi muito ruim eles terem aumentado o preço dessa forma”.

A diarista Zisalia adotou

um sistema para manter a alimentação, o mais próximo do que era antes, conta “Cozinhar feijão uma vez, faço arroz três vezes, e cozinho carne uma vez por semana”.

A nova política rompeu com congelamento de preços que já durava treze anos, era parte da estratégia dos governos petistas

para segurar a inflação. A última vez que o aumento foi maior que esse foi em 2002 em que o aumento foi 34%, a Petrobrás também havia adotado política parecida.

A mudança forçada na alimentação tem levantado preocupação com a saúde, a Cleide destaca “Pode ter um impacto negativo, para saúde da criança, pois aumentando o consumo de alimentos congelados e reaquecidos, elas acabam perdendo nutrientes importantes”. A Gislane que é diabética explicou “Sim, a gente perde, por exemplo: minha filha tem dificuldade de ir ao banheiro, então quando ela não come verdura ou a comida não é fresca, ela sofre na pele, é sou diabética e o diabético precisa do máximo de proteína para quebrar o mínimo, então para mim também foi crucial”.

Se a situação não mudar, e o preço continuar a subir, a saída para a Gislane é ir às ruas para protestar, desabafa “Eu convidaria minhas colegas para ir à rua, porque eu não gosto de comida de micro-ondas, não gosto de comida congelada, então eu bateria panela na porta do estado.”

Cresce o mercado de livros digitais

A tecnologia está ganhando o público e facilita no estudo

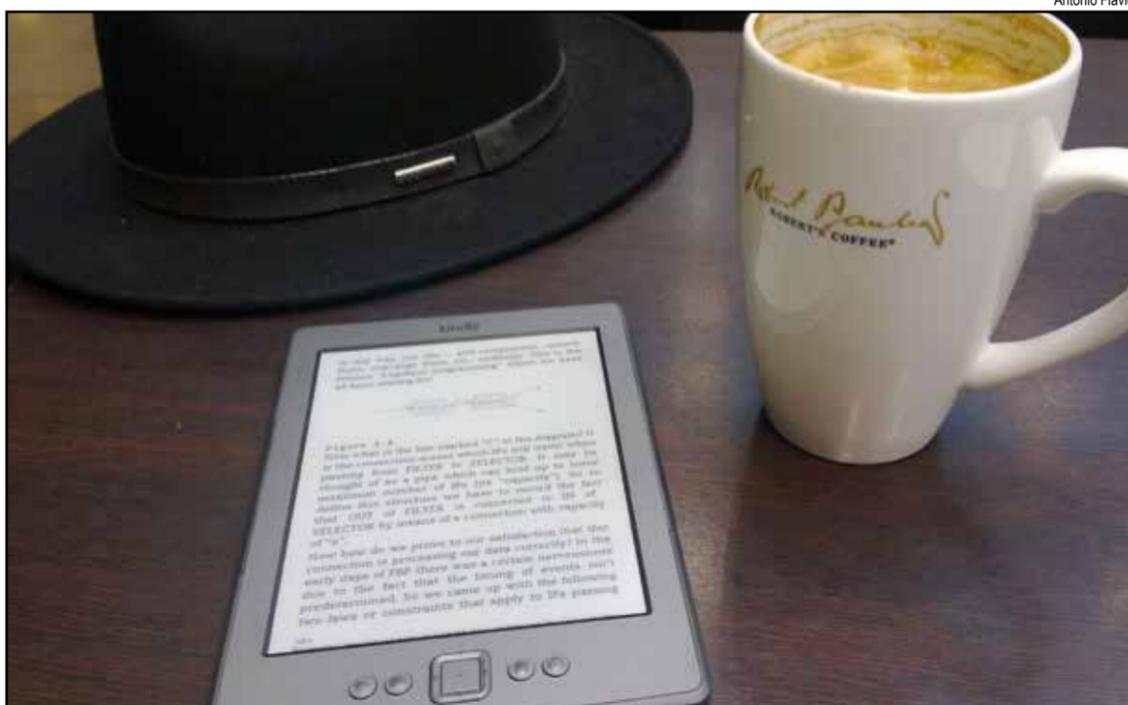
RAFAEL BITTENCOURT

No mundo da era digital a forma de consumir músicas, filmes, jornais e livros se transformou.

Os downloads, streaming e e-books estão cada vez mais acessíveis, facilitando a vida dos usuários. Em torno dessa demanda, criou-se um mercado voltado para os usuários dos e-book, ou livros digitais. Segundo Antônio Hermida, editor de mídias digitais da editora SESI/SENAI-SP, esse mercado está em expansão. “Ele segue crescendo desde o início, isso é inegável. O caso é que, até poucos anos, havia um alarde, uma sirene de perigo, que vaticinava um ‘boom do digital’ e ‘o fim do papel’, das editoras e das livrarias. Bem, esse “boom” não aconteceu. No entanto, apesar das quedas de receita das editoras, que chegaram a 40% em 2015,

os digitais não apresentaram queda de faturamento. Nesse aspecto, acredito que o faturamento do livro digital é um faturamento honesto, real para o mercado, porque não depende de grandes compras governamentais”, conta.

Os livros digitais trouxeram também uma facilidade no acesso de diversos livros, não só de livros de ficção, mas também livros acadêmicos, que em suas versões físicas custam caro. Foi assim que o estudante Gustavo Duarte estudou para o Enem e entrou na Universidade Federal do ABC. “Quando eu comecei a estudar para o vestibular, minha ideia era passar no ITA. Quando pesquisei sobre o preparo para essa prova, encontrei tutoriais que indicavam dezenas de livros de matemática, física, química”, conta. “Alguns dos livros não eram muito comuns de achar na biblioteca e as duas saídas eram comprar digital. Foi aí que eu



Antônio Flávio

Kindle, Kobo, Lev, variedade trouxe maior número de usuários aos e-readers

comecei a vasculhar a internet em busca de material. Baixei livros e listas, e minha rotina de estudos foi baseada nisso: o livro aberto no computador, caderno e canetas em mãos para fazer anotações e exercícios. Provavelmente sem esses livros digitais eu nem teria começado a estudar, ou teria um preparo de menor qualidade, pois os livros que eu tinha acesso não tinham uma teoria/exercícios adequados para o ITA”,

continua.

Já a estudante de letras da USP, Maria Adélia Campos, fala da dificuldade de leitura no Brasil e ressalta como os ebooks podem ajudar na educação. “A leitura sempre foi uma coisa complicada aqui no Brasil, temos índices bem baixos de leitura. Os preços dos livros desmotivam também, então esses pontos sempre foram complicadores. As questões dos e-books trazem um complicador

a menos. Os celulares se tornaram acessíveis para uma boa parte da população, sendo assim, a tecnologia dos livros digitais também”, afirma.

O mercado dos livros digitais ganha espaço cada vez e se torna uma tendência que escolas e faculdades podem usar para facilitar e melhorar o ensino, ajudando tanto o aluno quanto o professor.

DIAGRAMAÇÃO: ANTÔNIO FLÁVIO E CAMILA DIMAS

Mães lutam pela reaproximação

Mães pela Diversidade e Grupo de Pais de LGBTs quebram barreiras no momento da descoberta da sexualidade dos filhos

Jorge Garcia

JORGE GARCIA

Conversar sobre sexualidade e gênero ultrapassam as barreiras da convencional educação. O diálogo, confiante, aberto e sincero são primordiais para o fortalecimento de um vínculo entre filhos, filhas, mães e pais. Entender e respeitar as individualidades de cada um é o primeiro passo para que a aceitação possa ser sadia e segura. É o que propaga o Mães pela Diversidade, uma organização não governamental que nasceu do encontro de mães de LGBTs do Brasil inteiro. O grupo atua como um espaço de luta pelos direitos e de acolhimento para as famílias que se encontram desamparadas com o preconceito. A maioria das discussões acontecem pelo grupo do Facebook, formado por mães e filhos. Na rede, mães recém-chegadas publicam seus anseios para mães mais experientes ajudarem, além de encontros eventuais. A ONG conta com ajuda voluntária de psiquiatras, psicólogos e advogados, além de outras instituições e das Mães Arteiras, que produzem artesanato e reverterem parte da venda para o grupo.

Cida Aparecida Baptista, 59, artesã e mãe de Caio Baptista, é uma das Mães pela Diversidade há quase três anos. Cida foi protagonista de um comercial da Avon sobre diversidade e falava sobre quando Caio contou sobre sua sexualidade e como ela lidou com o fato de o filho já ter sofrido preconceito por ser negro e da periferia. Hoje o vídeo conta com quase 100 mil visualizações e, três dias após o lançamento na internet, Cida foi chamada para fazer parte da ONG. “Foi um impacto muito grande porque teve uma repercussão muito boa e foi um tempo grande que as pessoas me procuravam para conversar”, lembra com alegria.

Caio, 27, publicitário, contou para a mãe sobre sua sexualidade quando tinha 16 anos. A mãe fala que não foi fácil e que precisava entender a situação. “Caio é preto, pobre, vive numa situação vulnerável e ele já tinha sofrido crime de racismo, nessa você fica com medo, porque, além disso, ele é um negro gay e a situação agrava muito mais. Você sabe que o filho sai, mas não sabe se volta”, desabafa. O garoto começou a pensar sobre sua sexualidade aos 6 anos de idade. Deixou de jogar futebol com os colegas da escola para passar os intervalos com as meninas e ficar conversando com grupos pouco padrões, que hoje ele denomina “os que não se identificavam”. “Eu tive certeza que tinha alguma coisa de muito diferente comigo aos 10 anos. Pensei: isso existe, isso tá acontecendo. Eu não sei o que fazer mas vou tocando”, lembra Caio.

Ainda que ele confesse que o desenrolar da situação tenha sido



“A gente conversava muito e o que eu não entendia eu perguntava pra ele”, fala Cida ao lembrar que para ajudar e proteger é preciso entender o filho

natural ao longo do tempo, dizer sido um período difícil. Caio não quis ser algo que não era e decidiu contar. Ele reafirma: “que eu fosse o mais genuíno que eu pudesse ser”. Para chegar a este momento, conta que teve uma motivação: bullying homofóbico aos 15 anos. Caio lembra sua motivação: “Falei que eu precisava ser fiel a quem eu sou, e só ia ser se foi desse jeito. E felizmente foi um caminho que eu comecei a seguir, para legitimar quem eu era.”

Ao contar para a mãe, o Caio de 16 anos foi estratégico: escolheu o dia que marcava a separação dos pais para que, segundo ele, ela marcasse apenas uma data ruim na memória. Primeiro contou para a cunhada, que contou para o seu irmão, depois para a madrinha e enfim, para Cida. Ele confessa: “Fui criando uma base para chegar nela, porque eu não imaginava o que pudesse acontecer e como todo LGBT fui imaginando os piores cenários”. Caio falou e deixou aberto para ela perguntar o que quisesse, mas Cida não falou muito. Segundo o filho, o processo dela foi muito sozinho e ela não compartilhava com ele suas inquietações. Ainda assim, Caio confessa: “Eu sei que foi difícil em diversos aspectos, eu sei que ela chorou, eu sei que teve todo esse processo até chegar nesse momento que ela está hoje.”

Hoje, Cida é a mãe que discursa contra a homofobia e a favor do amor no carro de abertura da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, do Mães pela Diversidade. Cida levou um tempo para entender e poder ajudar o filho. Ela conta: “A gente conversava muito e o que eu não entendia eu perguntava pra ele. Porque não é só aceitar, você tem que entender, você tem que saber até que ponto você pode ir para entender, ajudar e proteger”.

Neusa Dutra, 67, aposentada, mãe de Chico, é uma Mãe Facili-

tadora do Grpo de Pais de Homossexuais (GPH), hoje Grupo de Pais de LGBTs, grupo ligado ao Mães pela Diversidade. Ambos tratam de aceitação e ajudam as famílias com LGBTs, mas, este possui uma função mais direta. Enquanto o Mães trata das questões através do Facebook e encontros, o GPH cuida de ser mais incisivo e agir individualmente em cada mãe desamparada com a sexualidade do filho, encaminhando para atendimentos psicológicos com mais frequência e muitas vezes até indo à casa das famílias para conversar ou promover a reaproximação.

Chico contou para a mãe que é gay de uma forma um pouco diferente a de Caio. Os dois estavam no carro, após uma discussão, quando Neusa questionou sobre uma amiga dele. O filho prontamente disse: “Mãe, não vai rolar, eu sou gay”. Neusa lembra que foi um choque e que o menino muito bem educado, bom aluno, inteligente e talentoso que ela havia criado era outro. “Pra mim, todos os meus sonhos tinham ido por água abaixo e ele ia ser uma vergonha, porque agora todas minhas amigas iam dar risada de mim. Eu pensava: agora tudo que eu achava que tinha dado certo no meu papel de mãe, não deu.”

Tudo realmente mudou quando Neusa leu uma reportagem em que Edith Modesto contava sua história. A mãe viu a revista em um salão de beleza, mas não teve coragem de pegar e deixou para comprar em uma banca no caminho de casa. Leu a revista e encontrou o contato de Edith, que a convidou para um almoço com outras mães. “Chegando lá tinha uma turma de mulheres, muitas malas, de todos os lugares do Brasil. Todas com filho gay, tipo o Chico, com a mesma idade. Em 3 meses eu passei daquela mãe assustada e envergonhada de ter

filho gay a mãe orgulhosa de ter filho gay. A Edith Modesto devolveu o amor que eu tinha pelo meu filho.”

Edith Modesto, 80, mãe de Marcello Modesto, é escritora, professora universitária, pesquisadora, psicanalista, especialista em diversidade sexual e questões de gênero e fundou GPH. Em 1992 descobriu que seu filho é gay e sentiu-se desamparada e sem uma outra mãe para conversar. Em 1997, Edith começa sua pesquisa em “diversidade de orientação sexual” e forma um pequeno grupo de quatro mães de homossexuais. Hoje, após vários livros lançados sobre o assunto, Edith continua atuando como psicanalista, muitas vezes, sem pagamento, facilitando a reaproximação e o afeto entre pais, mães e filhos para todos. Ela confessa que hoje é um pouco mais rápido ajudar as mães, mas ainda assim é preocupante o lugar que estamos. “O projeto não mudou praticamente nada desde a criação e nem precisa, porque até hoje, em 2018, século XXI, ainda tem mães que falam que vão se matar porque tem um filho gay”, alerta Edith.

A reaproximação acontece através da procura de uma das partes para tentar amenizar a situação. Segundo Edith, ao conversar com um dos membros da família, se a modificação for positiva, essa mudança acontece nas outras pessoas do núcleo familiar também, uma vez que são vínculos que estão sendo construídos. “É como se fossem dois pilares e uma viga, se você tem um movimento positivo em um dos pilares, o movimento positivo passa pela viga e desce para o outro lado”, compara.

Para Edith, o que os jovens precisam das famílias é de pertencimento. Que é saber de qual lugar veio, além de ter consciência que se tem uma família, que tem pais que amam e torcem pelos filhos. Ela diz que é como uma construção:

“Que tem uma base, tendo essa fundação, você pode construir uma casa pra você que ela não vai ter trinques, ela não vai cair.” Ter o pertencimento é importante para ter uma base, poder sair e voltar quando quiser, para ser mais segura e elevar a auto-estima. Caso não haja, é muito mais difícil: “Não digo que não vai dar certo, mas é um esforço muito maior, porque você fica com um buraco.”

O pertencimento não acontece com os LGBTs em sua grande parte, uma vez que ao não contar para os pais, escondem-se quem realmente é, e assim não pertencem inteiramente ao núcleo familiar. Isso se deve ao fato da nossa cultura ser homofóbica, transfóbica, preconceituosa e machista, o que atrapalha as minorias de gênero e de orientações sexuais. “A cultura já prepara as regras para quando você nasce. Seus pais já nasceram com as regras prontas para serem internalizadas neles, então fica muito difícil para o pai e para a mãe. Às vezes eu fico meses com homens e mulheres, preparando aquele jovem para entender a dificuldade da mãe, do pai. Para perdoar essas dificuldades, porque perdoar é difícil, e para se auto perdoar, que também é muito difícil”, reforça Edith.

Ser LGBT no país que mais os mata no mundo é resistência. Não é fácil e há a necessidade de ter apoio, estrutura e amor. Com os pais e mães ao lado, enfrentar o mundo, aparar as pedras que são recebidas o tempo inteiro e construir um mundo melhor para si, torna-se um caminho menos árduo. Por isso, é tão importante o trabalho realizado por Edith, Neusa, Cida e tantas outras mães. Para, além de reaproximar os filhos dos pais, reaproximar cada um da sua própria verdade.



Crianças brincam em paletes que estão espalhados pelo terreno

A luta além da demarcação de terras

Nativos vivem em estado de calamidade pública em meio a disputas

DANIELLY RAMOS
VICTORIA FERNANDES

Os movimentos indígenas articulam-se hoje principalmente para garantir a expansão e a permanência das terras, que ao longo dos anos são ocupadas por diferentes etnias. A história pela terra indígena no Brasil começou com a chegada dos colonizadores portugueses, e, desde então, ganhou inúmeros capítulos. O jornalista cultural Duanne Ribeiro diz: “O ponto de virada nessa questão do território é a Constituição de 1988, mas ainda há muita legalização de terra que não foi feita, mesmo nos governos que se diria de esquerda”.

No Brasil, quando se fala em Terras Indígenas, há que se ter em mente, em primeiro lugar, a definição e alguns conceitos jurídicos materializados na Constituição Federal de 1988. Segundo a antropóloga Arianne Rayis, a Constituição “reconhece que os povos indígenas são os primeiros e naturais senhores desta terra. Sempre que um grupo reivindica uma área territorial, cabe ao Estado sua demarcação, pois este se constitui como um direito constitucional”.

Grande parte das Terras Indígenas no Brasil sofre invasões de mineradores, pescadores, caçadores, madeireiras e posseiros. Outras são cortadas por estradas, ferrovias, linhas

de transmissão ou têm porções inundadas por usinas hidrelétricas. Frequentemente, os índios colhem resultados perversos do que acontece mesmo fora de suas terras, nas regiões que as cercam: poluição de rios por agrotóxicos, desmatamentos.

Keila Chaxene Muniz, da aldeia takuari, localizada no Vale do Ribeira, conta que “a terra tem um valor imenso para o povo indígena, pois na tribo

em que vivia, o cultivo, a pesca, a caça e o artesanato ainda são mantidos”.

Disputas de terras

A luta do indígena pela terra no Brasil é mais complexa do que se imagina. Para a cultura dos nativos brasileiros, a terra é “como um espaço de vivência, um lugar onde se pode manifestar seu modo de existir. O ter-

ritório não é constituído apenas pelo espaço físico e geográfico, mas também pelos rios, montanhas, ar, memória, não-humanos. Todos esses elementos indígenas são fundamentais para esses povos”, afirma a antropóloga Arianne Rayis.

Os conflitos acontecem de formas diferentes em cada região. Os indígenas da tribo guarani, que vivem no território demarcado do Jaraguá, enfren-

tam o descaso do governo e da opinião pública em relação às condições em que vivem.

Com chão de terra batida, as famílias dividem o espaço limitado com centenas de cachorros abandonados e montantes de lixo espalhados pela comunidade. Não há saneamento básico: o esgoto fica a céu aberto onde integrantes da comunidade praticam suas atividades culturais e 500 crianças se banham em tanques improvisados e brincam. Não existe coleta de lixo e há poucos chuveiros para todas as famílias.

A gestora do departamento de juventude da Cruz Vermelha, Kamilla Jungo, ressalta essa questão do saneamento, assim como Silvio Dutra, do departamento de programas comunitários da instituição. Ele comenta que “eles têm problemas com a água, com o esgoto e não percebemos nenhum envolvimento do poder público para tentar sanar estas questões”.

William Marcena, educador da tribo Guarani do Jaraguá, afirma que “as famílias vivem em casas quase umas encostadas nas outras pelo fato deles terem perdido muitas terras”. Outro problema no lugar é a falta de alimentos, pois eles não têm espaço para o cultivo próprio e sua única renda vem com a venda de artesanatos.



Crianças se banham em tanques sem as mínimas condições de saneamento básico

Intimidade exposta na rede mundial

“Confia nele”, diz vítima sobre vazamento de fotos, mulheres são maioria

AMANDA OLIVEIRA

Imagine que você está em um relacionamento há algum tempo. Existe sentimento, parceria e confiança, mas uma briga mais séria vira motivo para que fotos íntimas sejam divulgadas por alguém que você confiava tanto ao ponto de compartilhá-las sem medo. Sem ter como impedir a rápida repercussão nas redes sociais, você precisa encontrar uma forma de lidar com toda essa exposição que você não pediu para acontecer.

Também chamada de “revenge porn” (pornografia de vingança) em tradução literal, essa é uma situação que cada vez mais pessoas ainda vivenciam no mundo. De acordo com os indicadores do Canal de Ajuda da SaferNet, aproximadamente 289 pessoas denunciaram exposição íntima em 2017. Destas, 204 eram mulheres e cerca de 16% das vítimas femininas eram adolescentes.

Foi o que aconteceu com a estudante Diana Linkevicius, de 18 anos. Ela namorava um rapaz há cerca de quatro anos, quando uma briga feia fez com que ele ameaçasse colocar todas as fotos dela na internet. “Eu duvidei muito, porque confiava nele. Até que um dia recebo uma mensagem de uma amiga minha, falando que o namorado dela recebeu 4 fotos minhas sem roupa nenhuma em um grupo de homens. Tinha, tipo, uns 100 caras lá”, conta.

Sem poder recorrer aos familiares, Diana chegou a pedir para o ex-namorado apagar as fotos de alguma forma, mas não adiantou. As fotos continuaram circulando e as pessoas ao redor dela comentavam sobre o assunto. “Eu tinha 16 anos na época. Hoje estou conseguindo superar aos poucos e sempre tento fingir que nada daquilo aconteceu”, diz.



Foto de perfil da robô Fabi Grossi no Facebook



Banco de Imagens/Creative Commons

De acordo com a SaferNet, 289 pessoas denunciaram exposição íntima

As consequências psicológicas deste tipo de violação são muito graves, especialmente entre os adolescentes. Em novembro de 2017, uma garota de 15 anos cometeu suicídio após uma fofoca sobre o vazamento de fotos íntimas dela ter se espalhado na escola em que estudava, no Mato Grosso do Sul. Karina Saifer Oliveira chegou a desabafar para o

“Estou conseguindo superar aos poucos”

pai e disse que estava se sentindo uma pessoa muito vulgar porque aquilo tinha acontecido com ela. Poucos dias depois, a menina se enforcou na varanda de casa.

Culpa

Muitas mulheres se sentem culpadas por enviar as fotos íntimas no momento em que elas vazam ou até a própria sociedade fica “responsável pelo julgamento”, como acontece em boa parte dos crimes de violência contra a mulher. A psicóloga e coordenadora do Canal de Ajuda da SaferNet Brasil, Juliana Cunha, reforça a ideia de que a vítima nunca tem culpa no caso. “É preciso lembrar que mandar nudes não é o problema, mas sim o compartilhamento dessas imagens sem autorização dos envolvidos. A mulher nunca é culpada pelo vazamento, mas quem compartilha, mesmo que seja com a intenção de denunciar ou expor o agressor, por exemplo, está contribuindo para a violência”, explica.

Em uma tentativa de tentar conscientizar os usuários e diminuir os casos, a Unicef e o Facebook, em parceria com a empresa Sherpas, criaram o Caretas. Direcionado para usuários entre 13 e 17 anos, o projeto é uma experiência virtual com uma personagem fictícia que interage com os adolescentes, como se fosse uma amiga comum. Embora seja um robô, Fabi Grossi tem um rosto real, manda áudios, fotos, digita gírias e tem uma história muito fácil de se identificar. Aos 21 anos, ela acabou de ter um vídeo íntimo vazado pelo ex-namorado e está desesperada com a situação.

Quem entra em contato com a Fabi através do Messenger, bate-papo do Facebook, recebe os pedidos de ajuda da personagem. Não é a mesma conversa para todos os usuários. Caso a Fabi entenda que a pessoa já passou por uma situação parecida, ela passa a dar conselhos para mostrar que a vida continua mesmo depois disso. Mas, se quem estiver escutando a história da Fabi não ajudar muito, a personagem começa a demonstrar sinais de depressão e até mesmo riscos de cometer suicídio.

O principal objetivo do projeto é promover mais conscientização entre os jovens, justamente por se tratar de alguém que fala

com eles como se fosse uma amiga em apuros. Segundo informações coletadas pela Unicef, 90,5% dos usuários que testaram o recurso admitiram que aprenderam a se proteger.

DIAGRAMAÇÃO: GRAZIELLY QUEIROZ E JULIA MARINA

Se você se sentir ameaçada por alguém que tem fotos íntimas suas, entre em contato diretamente com o Facebook ou o SaferNet. Para conversar com a Fabi, basta acessar a página no Facebook e enviar uma mensagem. **DENUNCIE!**



A Robô interage de maneira surpreendente com o usuário

Amamentação, o alimento da vida

O Brasil possui a maior rede de bancos de leite humano do mundo, reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS)

POLLYANNA SOUSA

Amamentar um filho é uma experiência única e essencial para a saúde do bebê. A boa notícia é que os bancos de leite ajudam muito nesses casos e sempre precisam de doação. Nos primeiros meses de vida, não há alimento melhor e mais completo para o bebê que o leite materno. Além de suprir todas as necessidades nutricionais, ele ainda ajuda na formação do sistema imunológico, a prevenir alergias e intolerâncias, entre muitas outras vantagens que podem fazer toda a diferença no desenvolvimento da criança.

Mas a verdade é que nem todas as mães conseguem amamentar e a frustração de não ter aquele momento especial de contato com o filho fica ainda maior quando aliada à preocupação com a saúde do pequeno. Foi pensando nessas mulheres que os bancos de leite foram criados.

O Brasil possui a maior rede de bancos de leite humano do mundo, reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS). O primeiro foi inaugurado em 1943 e, em 1998, uma parceria entre a Fundação Oswaldo Cruz e o Ministério da Saúde resultou na Rede Brasileira de Bancos de Leite Humano, que só em 2014 coletou mais de

185 mil litros de leite materno.

Embora o número impressionante, a enfermeira responsável pelo Banco de Leite Humano da UNIFESP, Danielle Aparecida da Silva, afirma que é necessário um número ainda maior de doações, já que a quantidade recebida não é suficiente para abastecer todas as unidades atendidas. “Precisamos de doação principalmente em época de férias ou feriados prolongados, quando nosso volume de leite chega a baixar por volta de 50%”, destaca.

Bancos de leite humano

Quantas vezes você já ouviu algumas mulheres dizerem que estão com leite sobrando? Para você não correr o risco de passar por isso e inutilizar seu leite excedente, entenda o que são os bancos, como eles funcionam e como você pode se tornar uma doadora.

Em todo o Brasil, são 215 unidades espalhadas pelas cinco regiões do país, todas seguindo os mesmos procedimentos e normas estabelecidas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Os bancos recebem as doações – a coleta pode ser feita lá mesmo ou na casa da doadora – e sempre contam com médicos disponíveis para orientar as lactantes, caso seja

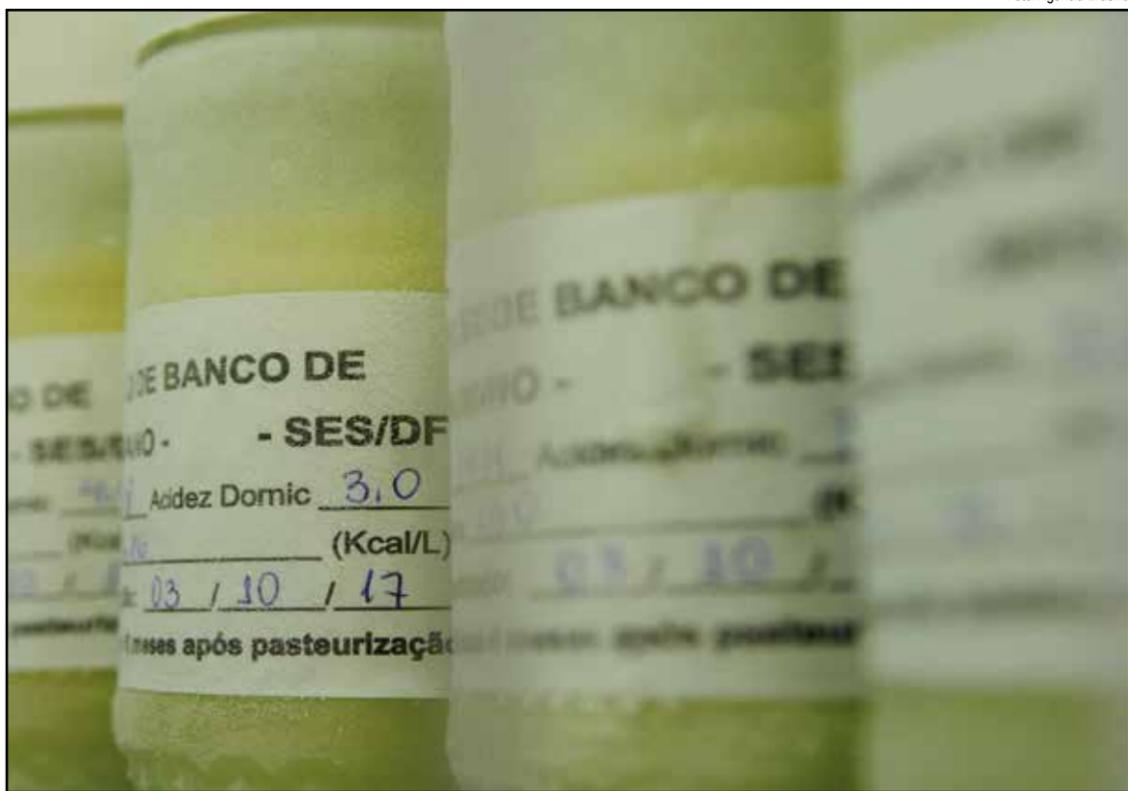


Foto: Agência Brasília

É importante entender como doar e receber as gotas que podem salvar vidas

necessário. Em seguida, o volume é encaminhado para aqueles que precisam. “Todo banco de leite está ligado a uma maternidade com UTI neonatal e são os bebês nascidos lá que têm preferência. Quando há necessidade em outra unidade, é preciso ter

uma solicitação médica”, afirma Danielle, ressaltando que o leite recebido é destinado apenas a hospitais e maternidades. “Não há qualquer tipo de distribuição pessoal – isso vai contra a legislação”, reforça. Amamentar aumenta os seios, mas os deixa

caídos e flácidos, é um ótimo anticoncepcional, amamentar dói. Isso tudo varia conforme a sensibilidade da mãe, porém é algo cansativo e exige muita paciência, principalmente no início.

DIAGRAMAÇÃO: ANA JULIA

Veganismo, o estilo de vida que gera renda sem exploração

Diante do alto índice de desemprego, famílias encontram a solução para ter renda com o mercado vegano

GABRIELA RODRIGUES

Ao fazer compras é perceptível o aumento de produtos veganos (que não possuem procedência animal em seus compo-

mentes) nas prateleiras. Isso se deve a preocupação com o meio ambiente e com a exploração animal, além do cuidado com a própria saúde, já que a maioria dos itens presentes no mercado

usam ingredientes ou até fazem teste em animais.

O comércio vegano auxilia na ampliação de produção autônoma, é comum encontrar pessoas que produzem de forma artesanal,

como é o caso da bióloga, Ursula Fernandes, 44, que após trabalhar um período dentro da área da saúde e do meio ambiente, decidiu fabricar cosméticos veganos, com ingredientes naturais para a base dos sabonetes, shampoos e cremes. Ursula começou a pensar numa forma em que o descarte dos produtos agredissem o mínimo possível o meio ambiente, e por meio de pesquisas, desenvolveu cosméticos à base de vegetais, plantas e óleos essenciais, que ao entrarem em contato com a água do banho, por exemplo, causam a mínima degradação possível.

Assim como Ursula, Camila Gregório, 23, aproveitou a onda de produtos naturais sem exploração animal para fundar a “Navego”, onde ela produz em sua casa alimentos para encomenda, como hambúrgueres, bolos, leites vegetais e itens de festa. “Eu queria trabalhar com alguma coisa em que eu me identificasse”, diz Camila, que, além de empreendedora, também é vegana. Ela conta que era muito difícil conseguir comprar comidas sem ingredientes vindos de animais no bairro onde mora na Zona Norte de São Paulo, e que precisava se deslocar até o sul da cidade para ter acesso a esse tipo de alimentação em restaurantes e lanchonetes. A partir daí a jovem ampliou seu projeto, que a princípio era só para encomendas, a fazer deliveries também. Com a ajuda do marido, criou novos

sabores sem procedência animal. Hoje, após 2 anos do “Navego”, Camila vive com 100% da renda da venda desses alimentos.

A nutricionista Mariane Marques, 28, após frequentar a “Verdurada” (evento de shows de bandas hardcore punk, e palestras sobre assuntos políticos), começou a se interessar pela vida vegana e entrou para o ramo nutricional. Ela atende diariamente pessoas que estão em transição para se tornarem vegetarianas e veganas. A especialista também ajuda seus pacientes a quebrar os mitos de que só é possível conseguir proteínas em alimentos de origem animal, pois boa parte desses nutrientes vem de aminoácidos contidos em diversos alimentos.

Para o consumidor também ficou mais fácil. Ariel Alves, 18, é vegana há 4 anos e diz que percebeu o aumento de opções veganas nas prateleiras, mas que vê a grande diferença de preços. Os produtos sem procedência animal possuem valor mais elevado do que os comuns.

O veganismo vai além de um modo de alimentação. Ele ajuda na renda de muitas famílias, que também conquistam autonomia para criar seus próprios meios de produção e se expandem conforme o mercado ganha espaço, tendo possibilidades de inovar e transformar os meios em que vivem.

DIAGRAMAÇÃO: YANCA PALUMO



Foto: Everystockphoto

O mercado vegano ganha valor e espaço na sociedade e ajuda o meio ambiente

Anabolizantes e a prática de esportes

Uso de anabolizantes aumenta e se torna cada dia mais comum entre atletas

AMANDA QUARESMA

Esteroides androgênicos anabólicos, mais conhecidos como esteroides anabolizantes e popularmente chamados de “bomba”, são substâncias sintéticas produzidas em laboratório, geralmente derivadas da testosterona, principal hormônio produzido no corpo masculino. Essas substâncias, na teoria, devem ser receitadas por médicos para reposição de hormônios deficientes, ou seja, quando a produção natural é debilitada. Os pacientes são aconselhados a fazer o uso em doses mínimas até regularizar a disfunção.

A popularização dos anabolizantes ocorreu nos anos, quando seu consumo começou a ser praticado para fins estéticos. À medida que o esteroide entra em contato com a célula do tecido muscular, o aumento da musculatura é visto de forma gradativa e com resultados bem mais rápidos que o natural, gerado apenas com treinos.

O risco à saúde está no uso indiscriminado, que traz sérios problemas ao organismo. Os efeitos colaterais são conhecidos por praticamente todos que fazem o uso da substância. Segundo a Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM), no Brasil, um em cada 16 estudantes entre 12 e 17 anos já fez uso de drogas derivadas de hormônios.

Bruna Marques, 24, revela que a motivação para o início do consumo de anabolizantes foi a busca de resultados rápidos: “Me prometeram medidas de perna e bumbum em três meses que com anos de treino eu nunca consegui”, declara a estudante de Ciências Contábeis, que pratica musculação regularmente há quatro anos. A jovem conta que comprou a substância indicada por seu personal trainer. O ciclo, como é conhecido o período em que a pessoa utiliza a substância, seria de um mês de consumo diário com inter rompimento de dois meses para depois fazer o retorno do uso por mais um mês.

A estudante, com 15 dias de aplicação, começou a sentir câimbra nas pernas e outros sintomas. “Minha menstruação atrasou, meu rosto ficou muito oleoso e eu, que nunca tive problemas com acnes, passei a ter que lidar com o surgimento de

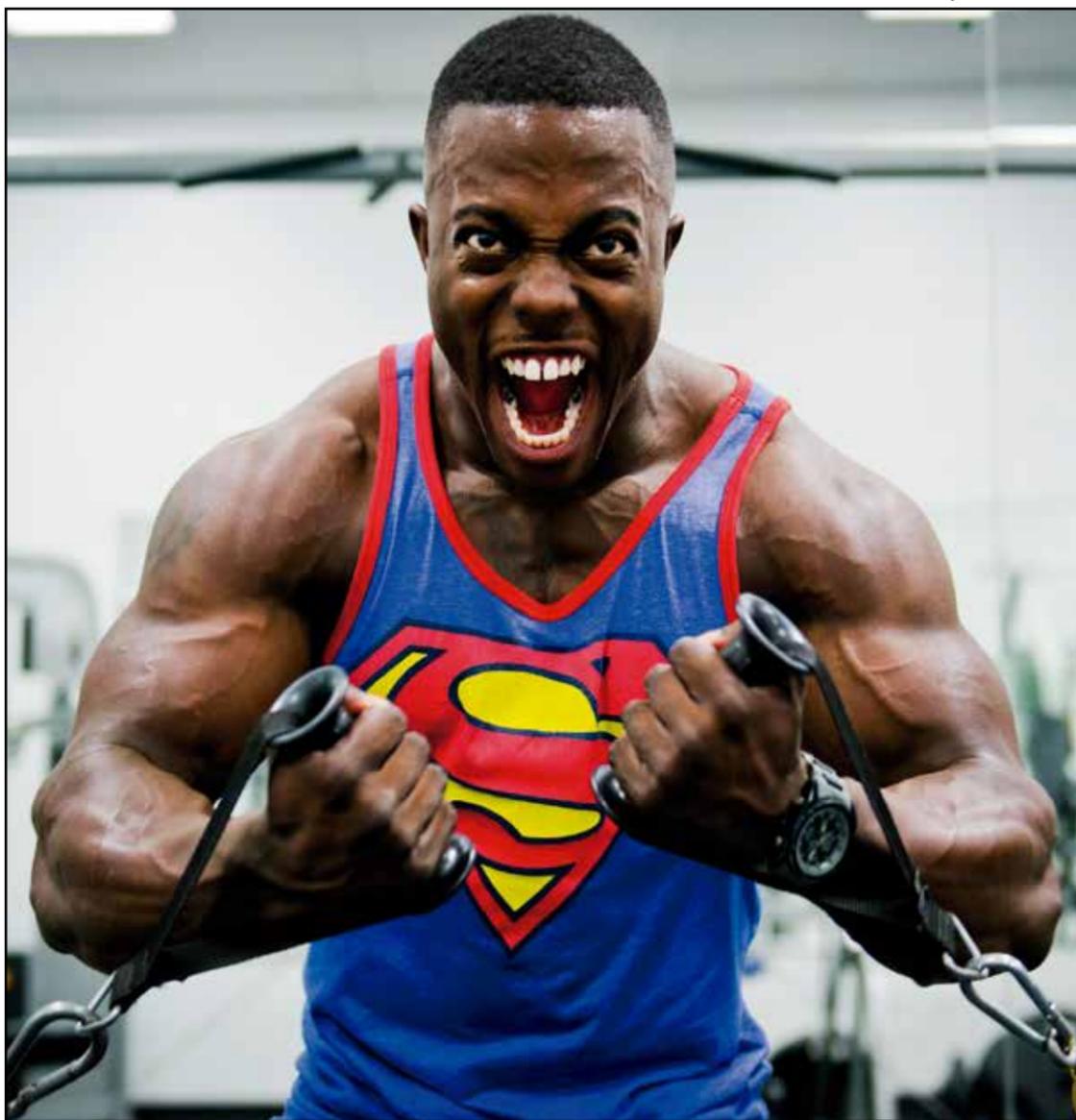
espinhas no rosto e colo”, comenta. Ela interrompeu o ciclo com apenas 20 dias de aplicação por medo dos próximos efeitos colaterais. “Paguei R\$ 180 em um frasco que duraria um mês, mas não consegui terminar o ciclo e joguei o resto fora”, diz. Sua menstruação só voltou ao normal três meses após o inter rompimento do uso.

Comércio ilegal

A venda de anabolizantes sem prescrição médica é proibida no Brasil, mas a demanda faz com o que o mercado seja disputado e não haja dificuldades para comprar as substâncias no país, principalmente na internet. Sites e grupos no Facebook são utilizados para anunciar de forma escancarada a venda de qualquer remédio sem a necessidade de receituário médico.

Com mais de 1.000 membros até o momento de produção desta reportagem, o grupo no Facebook “Anabolizantes BR” comercializa anabolizantes. Com página de divulgação na rede social e um site próprio para vendas, a administração do grupo estava sob responsabilidade de um perfil com nome de Daniela Suzuki Bravo. Sem revelar sua verdadeira identidade, Daniela diz que tudo que é comercializado no país vem do Paraguai. Para ela, esse não é um mercado lucrativo para quem repassa a mercadoria pela grande quantidade de oferta. “Treino há 9 anos e comecei a vender bomba por observar que a procura era muito grande e muitas pessoas levavam calote, pagavam e não recebiam, mas faço por hobby, só é lucrativo para os fabricantes”, garante.

Daniela não revelou há quanto tempo atua no mercado ilegal e também preferiu não dizer há quantos anos faz aplicações, mas garante que é seguro e não pretende parar. Ela afirma que há muitos grupos no Facebook para comércio de esteroides. “Sou uma formiguinha nesse meio, tem muita gente grande, mas eles são mais discretos e os grupos são secretos”, afirma. Daniela relata que a procura por anabolizantes é praticamente a mesma entre homens e mulheres, mas garante que muitos a sondam com interesse em remédios para emagrecer. Perguntada sobre os efeitos colaterais, ela se



Atletas utilizam anabolizantes e praticam exercícios diários para o ganho de músculos

reservou a dizer que sofreu com o surgimento de acnes e leve queda de cabelo, mas conta que atualmente está tudo controlado. Garante também que sua saúde é perfeita e afirma que faz exames regularmente para saber como está seu eixo hormonal.

Saúde

A nutricionista esportiva Yasmin Alaby, 29, revela que dentro da academia que trabalha tem contato com conhecidos, inclusive médicos, que usam anabolizantes. “Já atendi muitos pacientes que fizeram aplicações e tiveram complicações de saúde como cálculo renal e, posteriormente, infecção urinária”, exemplifica.

Segundo a nutricionista, os profissionais da área são proibi-

dos de fazer esse tipo de indicação aos pacientes, mas nos casos em que eles estão decididos e não se preocupam com as possíveis consequências, ela alia uma alimentação pensada para as necessidades da pessoa como forma de redução de danos.

De acordo com Yasmin, as indicações terapêuticas só são feitas em situações específicas. “É necessário sempre ter um médico para investigar, mas em casos de puberdade e crescimento tardio, deficiência androgênica, hipogonadismo e hipermetabolismo é indicado o uso de esteroides”, finaliza.

O personal trainer Eberson Pereira, 27, revela que antes de ingressar na faculdade de Educação Física utilizou anabolizantes. “Eu comecei a treinar com 16 anos, não tinha maturidade,

quando vi aqueles caras grandes, só pensava em ficar igual a eles. Queria chamar atenção também”, declara. Eberson não sofreu efeitos colaterais, pois usou por pouco tempo, mas não quis revelar o número exato. De acordo com o personal, a procura é grande em academias. “Vai do caráter de cada professor indicar ou não. Eu não aconselho, mas sei os alunos que tomam e os que não tomam”, afirma. Eberson ressalta que o estudo foi fundamental para ele interromper de vez o uso. “Assim que eu entrei na faculdade um mundo novo se abriu, eu entendi que não precisava daquilo e no futuro poderia sofrer consequências terríveis”, conclui o instrutor.

DIAGRAMAÇÃO: DRIELLY PENICHE E VITÓRIA BRAGA

Efeitos colaterais

A esteticista Larissa Lima, 18, treina desde os 14 anos e começou a usar anabolizantes aos 15, passando de ciclos orais para aplicações injetáveis. “Tive virilização (corpo masculinizado), minha voz mudou completamente, meu clitóris cresceu, fiquei muito estressada e desenvolvi pelos em lugares que não são comuns para mulheres, além de queda de cabelo e acnes”, lembra. “Com quase três anos de aplicações consegui ganhar 15kg de massa muscular”, conta. Ela afirma que parou de consumir porque atualmente não tem tempo para treinar, mas revela que voltaria a fazer aplicações de anabolizantes pela estética. “Quando eu treinava, meu corpo era outro, perdi medidas e definição. A bomba acelera um processo que demoraria anos.

Quem começa usando não quer mais parar, você se acostuma com o crescimento rápido. Voltaria a usar pelos resultados”, afirma.

Larissa diz que amigas também já sofreram com desenvolvimento de leves características masculinas, mas, assim como ela, não pretendem parar. “Nada melhor do que chamar atenção. Eu recebia muitas críticas em relação ao meu corpo musculoso, mas nunca liguei, muitas pessoas gostavam também”, declara. Contudo, a jovem

chegou a acordar com o coração muito acelerado. “Achei que fosse morrer, aí dava um tempo maior entre uma aplicação e outra e logo depois voltava”, lembra. Assim como os outros entrevistados, Larissa também contou que conseguiu o químico com o personal da academia que treinava na época.

A endocrinologista Cristina Farah afirma que o uso de anabolizantes causa dependência emocional nos usuários. Ela tenta alertar os pacientes que a procuram com interesse em fazer uso de esteroides. “Muitos têm esse desejo estético, o que eu tento fazer é expor os riscos, além de alertá-los sobre o excesso de vaidade e de querer caber no desejo do que a sociedade acha belo, pois esse comportamento pode ser escravizante e desconectar a pessoa de suas próprias necessidades”, conclui.

A Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM) criou uma cartilha sobre os riscos do uso ilegal de esteroides anabolizantes que pode ser encontrada no site: www.endocrino.org.br.

Os nomes das substâncias utilizadas pelos entrevistados foram ocultadas da reportagem, para não estimular o consumo das mesmas.

Cirurgias plásticas crescem 31%

Levantamento foi feito pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica de SP

LETÍCIA OLIVEIRA

Entre 2008 e 2012, no Brasil, o número de procedimentos cirúrgicos por estética saltou de 629 mil para 911 mil, de acordo com dados da SBCP (Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica). Desse último número, 91.100 das cirurgias foram realizadas em adolescentes de 14 a 18 anos.

Sabe-se que o Brasil já mantém por muito tempo uma posição bem alta no ranking dos países que mais fazem cirurgias plásticas no mundo todo: o 2º lugar, perdendo somente para os Estados Unidos. Em 2014, pela primeira e única vez (por enquanto), chegou a ultrapassar o campeão da lista e ocupar a liderança.

Segundo dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica e Estética, em 2015, somente entre os nove (9) primeiros países do ranking (Estados Unidos, Brasil, México, Coreia do Sul, Índia, Colômbia, Alemanha, França e Itália, respectivamente), foram feitas 4.989.890 cirurgias plásticas. Contudo, apesar da quantidade elevada, nem todos estes números são satisfatórios.

Em julho do ano passado, a SBCP Regional São Paulo fez um estudo com cirurgiões plásticos de todo o mundo sobre a taxa de mortalidade causada por este meio de transformação estética. A pesquisa, feita pela web e de forma anônima, mostrou que 3% dos médicos participantes (692) relataram um óbito de paciente e 7% citaram ao menos um episódio de embolia pulmonar ao longo de suas carreiras.

Histórias

Conversamos com três mulheres, todas brasileiras, que fizeram cirurgia plástica no intuito de melhorar algo em seus próprios corpos que não as satisfazia. Cada uma de idades diferentes, que passaram por procedimentos diferentes, para intuídos diferentes.

Isabela Almeida de Santos, 18 anos e estagiária, passou por uma mamoplastia redutora aos 15 anos. Ganhou a cirurgia como um presente de aniversário. Ela conta que seus seios sempre a incomodaram por conta do peso. Com 1,59cm de altura, ela usava sutiãs de numeração 54 e andava com as costas curvadas. Por ter realizado essa cirurgia tão nova, seu corpo não respondeu tão bem durante o processo de cicatrização. Período este que deveria durar cerca de 2 anos, em 1 ano estava com queloides de aproximadamente um dedo de espessura.

“Voltei no médico que fez a cirurgia e ele aplicou um remédio à base de cristais e corticoide para amenizar os queloides, mas, como se já não bastasse, uns quatro meses depois o meu corpo desenvolveu uma reação para a corticoide e minha pele começou a se desmanchar, literalmente sumir. Onde antes ti-



4,9 milhões de procedimentos foram feitos nos 9 primeiros países no ranking de cirurgias

na cicatriz, estava fino igual papel e dava até para ver as veias, eu colocava a mão em cima e parecia que ia rasgar, até que: rasgou. Uma menina do cursinho esbarrou em mim sem querer e minha pele cedeu.” – relata.

Após o ocorrido, novamente Isabela foi ao médico para assentar a pele que havia se rompido. Foi preciso realizar uma cirurgia reparatória, tirando toda a pele que estava danificada ali. Foram removidos, no total, 2kg de mama. O número 54 de sutiã passou para 44, mas o tempo de cicatrização dura até hoje e as más lembranças também.

Quando perguntada se ela se arrependeu de ter se submetido a tal processo estético, ela diz: “Me arrependi de ter feito. Por mais que na época eu tenha achado que seria a 7ª maravilha do mundo, eu não estava amadurecida e nem desenvolvida o suficiente para realizar uma cirurgia tão invasiva.”

Já Luciana Gomes da Silva, de 49 anos e coordenadora de SAC, se sujeitou a uma abdominoplastia, uma das cirurgias plásticas mais feitas no mundo, realizada através de uma incisão para remover gordura e pele em excesso no abdômen.

Luciana já tinha uma cicatriz de cerca de 10cm na barriga, deixada por uma cirurgia anterior de retirada da vesícula por questões de saúde. Durante diversas consultas pré-operatórias, seu médico havia lhe garantido que o

fechamento do corte da abdominoplastia seria feito com cola cirúrgica e não com pontos, o que iria até disfarçar a cicatriz antiga. Explicou também sobre todos os riscos, incluindo trombose e até mesmo morte.

Contudo, após passar pelo bisturi, a paciente foi informada que a cirurgia, na verdade, não foi feita como ela esperava. A justificativa do médico foi que ela poderia adquirir trombose. Durante os 30 dias que seguiram, sentindo dores fortes e dependendo de terceiro até mesmo para sua rotina diária de higiene, Luciana percebeu que a cicatriz do procedimento não só dobrou de tamanho, como ela também quatro novas cicatrizes: uma na parte inferior do abdômen seguindo por toda a extensão do quadril, dois pontos acima da região pubiana e seu umbigo, normalmente retirado para cirurgias abdominais, que não foi reconstruído de maneira adequada e ficou com um aspecto não natural, segundo a mesma.

Além das novas cicatrizes, restaram massas de gordura e pele nas laterais do quadril. Quando questionado, o doutor alegou que “por ser uma cirurgia de risco, ele optou por executá-la ‘parcialmente’ pela a segurança da paciente, e que após uma temporada de recuperação, ela poderia se submeter a uma nova cirurgia de correção, efetuando novo pagamento”, sendo que ela já havia pago pela

cirurgia integral.

Luciana carrega traumas por anos e já teve relacionamentos rompidos por conta da insegurança que as marcas do passado lhe deixaram. Hoje, ela afirma que nunca mais mostrou seu corpo para ninguém e evita falar sobre este assunto, nunca tendo contado nem para sua terapeuta.

Jackeline Ferreira dos Santos, 24 anos, analista de crédito, fez seu primeiro procedimento cirúrgico estético aos 11 anos de idade, ainda mais nova que Isabela. Uma pinta de nascença em seu nariz, que já a incomodava muito, era motivo de “zoação” das crianças na escola. Sua mãe, que na época trabalhava em uma clínica estética, resolveu então bancar a retirada do sinal.

“Na época, custou 2 mil reais para eu fazer a cirurgia, só que ela tinha que ser feita em 3 sessões, tendo um intervalo de 4 meses entre cada uma: a primeira sessão era para tirar a metade da pinta, a segunda para retirar a outra metade, e a terceira para reduzir a cicatriz, só que não foi nada disso.” – disse Jackeline.

Ela conta que passou muito mal logo na primeira sessão, sentindo enjoos, além de ter ficado com o rosto inchado. Na segunda etapa, ficou com a face parcialmente paralisado, pois a anestesia não surtiu efeito de primeira e teve de ser reaplicada outras 2 vezes. Já na terceira etapa, para reduzir a cicatriz, ela e sua mãe nunca mais encontra-

ram o cirurgião e a clínica havia fechado as portas (a mãe de Jackeline deixou de trabalhar na clínica na época da primeira sessão da cirurgia).

Após exercícios faciais e aulas de teatro para conseguir normalizar as expressões, Jaqueline afirma que ainda possui o olhar direito um pouco mais baixo que o esquerdo e uma cicatriz aparente que ela esconde com maquiagem.

Converse com o médico

O Dr. Diego Garcia, da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, compartilhou com a gente algumas dicas importantes sobre segurança e riscos das cirurgias plásticas: “Cirurgia plástica envolve muitas escolhas, mas a primeira e mais importante é selecionar um cirurgião em quem confiar. Sinta-se livre para fazer perguntas. É natural sentir ansiedade, seja pela emoção e/ou entusiasmo pelo seu novo visual ou pelo estresse pré-operatório. Por último, a parceria com o cirurgião não acaba quando termina a cirurgia. A relação deve continuar, mesmo porque os resultados da maioria dos procedimentos plásticos cirúrgicos são permanentes, porém podem ocorrer mudanças com o passar do tempo. Por isto as visitas regulares de seguimento da cirurgia são tão importantes.”

Rap feminino tem espaço na cultura

Grupo D'Origem é um dos nomes que representam o rap brasileiro atualmente

**HELOÍSA FREITAS
MARIANI CAMPOS**

O rap no Brasil começou a entrar em foco em meados dos anos 1980 pelas periferias do país e, principalmente, pelo centro de São Paulo. Galeria 24 de Março, Praça Roosevelt e estação São Bento se tornaram os principais palcos para os DJs e b-boys que se identificavam com o movimento e procuravam um lugar para dançar. Nomes como Thaíde, Sabotage e Racionais MC's se tornaram ícones da música, levando o rap e o hip-hop a âmbito nacional.

Mas o rap sempre foi e ainda é considerado como território masculino, já que seus grandes representantes são quase que exclusivamente homens. Ainda assim, as mulheres vêm ganhando espaço com letras fortes, melódicas e principalmente críticas. Flora Matos, Karol Conka, Tássia Reis e Cynthia Luz são os nomes femininos sob os holofotes no momento, e atraem a atenção da mídia e do público.

Mesmo com o recém conquistado espaço ainda falta muito para que essas e outras tantas rappers fiquem lado a lado com os grandes nomes masculinos que dominam o cenário, muitas vezes servindo de inspiração e parceria para as Mc's no início da carreira, na tentativa de ganhar destaque.

Nascida e criada na zona sul de São Paulo, no Capão Redon-



Foto: Gabriele Souza

Meire D'Origem é um dos vários nomes no mundo do rap feminino

do, Miss Ivy, uma das representantes nacionais do rap feminino, nos conta que seu local de nascença a levou ao rap principalmente pelo fato de um dos principais grupos do país ter se formado ali, os Racionais MC's, que são também sua maior referência na cena por terem levado a rima para todo Brasil.

Tássia Reis, outro grande nome do rap nacional, veio da cidade de Jacareí, interior de São Paulo, e começou sua carreira

artística fazendo parcerias com nomes como Rashid e Marcelo D2. Hoje roda o país com a sua tour Outra Esfera, que faz sucesso nas rádios e lota shows por onde passa.

Ainda assim há exceções: criada das periferias de São José dos Campos, Meire D'Origem, hoje com 32 anos, é integrante do grupo D'origem e também faz parte da Frente Nacional das Mulheres no Hip Hop, além de ser uma das idealizadoras do

Coletivo de Mulheres Triluna, que realiza a Batalha Feminina do Vale do Paraíba "Na Caneta ou No Batom".

Meire relembra que quando era adolescente, o que os jovens mais ouviam nas periferias era o rap. "Ouso dizer que até hoje é, juntamente com o funk, que se popularizou depois", afirma. "Como garota preta e periférica, as estatísticas sempre diziam que eu não passaria dos 30 anos, que eu não me formaria, e meu

final seria servir ao marido e cuidar da casa e dos filhos. O rap, ao contrário disso tudo, me dizia que eu era capaz de vencer, seja forte, se jogue, lute! Hoje eu tenho minha casa própria, uma filha de 13 anos e estou com 32. Contrariei as estatísticas e só posso dizer: obrigada hip hop, salvou minha vida!".

A MC se inspirava em cantoras como Rhadigah, Lauryn Hill, Mary J Blige e também no rap nacional, como Fação Central e Realidade Cruel. "A representatividade de ter alguém falando aquilo que precisava ser dito tomou meu coração, coisas que ninguém mais diz por medo, comodismo". Ela diz que o hip hop é um ambiente acolhedor para as mulheres sim, mesmo que, como em todas as tribos, aconteçam situações de machismo. "É comum que homens chamem as mulheres para fazer apenas um refrão, ou até mesmo para fazer uma apresentação de graça enquanto todos os outros que estão na line do show estão ganhando, como se isso fosse uma oportunidade, um favor para nós. Hoje podemos afirmar que 50% do público consumidor de rap são as mulheres, acompanhadas ainda de um público LGBT muito grande. Nossas reivindicações são mínimas, igualdade, respeito e equidade de gênero nas festas e roles, porque a gente quer e precisa se ver, representatividade importa muito!", exclama.

Bailes Funk dominam as periferias nas madrugadas de SP

Moradores e PM repudiam os "bailinhos"

CLINTON DIAS

Realizado na maioria das vezes dentro das favelas da cidade de São Paulo, os bailes funk ou de rua, pancadões, fluxos, entre outros nomes é uma nova forma da população de baixa renda aproveitar as noites. Mas, junto à Polícia Militar, moradores reclamam do alto índice de violência que o baile ocasiona.

Habitado da região do Parque Bristol, zona sul da capital e estudante, João Passos convive há mais de 15 anos no mesmo local, que é bem acostumada com os fluxos que ficam próximo sua casa. "Isso só traz malefícios para nossa região, drogas, violências, sujeiras, som auto e outros fatores que só prejudicam onde nós moramos, algo tem que ser feito", diz o estudante, que aponta uma falta de amparo para os policiais e culpa a Constituição que não favorece a PM neste aspecto.

"Para acabar com o baile, deveria haver um deslocamento para lugares apropriados, precisaria ter uma conscientização sobre a população, um outro tipo

de educação, que informe que aquilo não é nada atraente para a sociedade em geral", afirma o cabo da Polícia Militar, André Luiz, que também não considera o funk um movimento cultural. "A maioria das músicas não tem conscientização ou uma crítica social, a maior parte delas fazem apologia ao crime e às drogas."

Em contraponto, o estudante e também morador da região

do Parque Bristol, Gustavo Daniel, 20, declara que os bailes devem continuar, embora seja totalmente contra a forma que é realizado. "É interessante ter um movimento cultural deste tamanho em bairros pequenos, porque começa a ter comércios de todos os tipos, gera mais empregos, os mercados começam a lucrar e as famílias das periferias começam a ter mais rendas. É

um mercado que deve ser explorado, mas não desta forma que é hoje em dia".

A estudante de medicina Juliana Araújo, 20, é frequentadora do baile do "helipa", como é tradicionalmente conhecido os bailes da favela do Heliópolis, critica o uso abusivo de drogas e apoia uma averiguação maior da polícia, mas analisa os bailes de uma outra maneira. "Uma das vantagens do baile é ouvir o som que gosta, com pessoas que gostamos e além de tudo é divertir-se bastante com coisas

mais acessíveis e baratas."

Para acabar com o som automotivo dos carros que fazem os bailes, em 2016 o Conselho Nacional de Trânsito (Contran) regulamentou a multa de som alto para dentro dos carros, multando mais de 8.000 veículos. Em 2017 esse número foi bem maior, cerca de 10.500 automóveis foram penalizados, de acordo com dados relatados no painel de Mobilidade Segura da Prefeitura de São Paulo.

No ano passado o Governo do Estado de São Paulo junto à Secretaria de Esportes, Lazer e Juventude criaram um movimento chamado de "Balada Campeã", realizado em 4 escolas estaduais nas regiões do Heliópolis, Paraisópolis, Brasilândia e Rio Pequeno com intuito de promover manifestações artísticas, divulgação da arte do grafite, alternativas de lazer às comunidades e uma competição de futsal armador, onde a final foi realizada no Ginásio do Ibirapuera e contou com mais de 20 mil pessoas. Ao todo, o Governo gastou mais de 2,3 milhões de reais e ainda não se sabe se realizará este ano novamente.



Banco de imagem

Baile do Helipa é um dos maiores pancadões na cidade de SP

Tecnologia auxilia juizes em partidas

Marcação de penalidades e validação de gols são confirmados com ajuda de vídeos

PAULO DE FARIA

A final da Copa do Mundo de 1966, entre Inglaterra e Alemanha Ocidental, em Londres, no estádio de Wembley, foi marcada por um erro de arbitragem, quando o árbitro validou um gol que não atravessou a meta alemã. A anfitriã foi campeã à época. Aquela seleção inglesa era repleta de mágicos do futebol, Bobby Charlton, o maior jogador inglês de todos os tempos, que sobrevivera ao acidente aéreo que deixou 23 mortos na cidade de Munique, em 1958, quando ainda era jogador do Manchester United; Gordon Banks, considerado um dos maiores goleiros da história do futebol; Bobby Moore, capitão da Inglaterra naquele mundial e referenciado com uma estátua na frente do estádio de Wembley. Essa certamente foi o melhor time inglês de todos os tempos.

Do lado alemão, surgia para o mundo Franz Beckenbauer, conhecido como “Kaiser”, cujo significado é imperador em alemão. Ele foi considerado o melhor jogador jovem do torneio. O “imperador alemão” também viria a ser campeão do mundo em 1974 e, como técnico, em 1990. Uma lenda dentro e fora dos gramados.

Outros erros semelhantes aconteceram em copas futuras. Essa é uma discussão para a história das copas. Quis o destino, ou, simplesmente, o futebol jo-

gado, com suas nuances, que na Copa de 1986, no México, nas quartas de final, entre Argentina e Inglaterra, que a seleção inglesa sofresse na pele o desgosto de um erro a favor dos Albicelestes. Maradona, maior jogador argentino de todos os tempos, marca um gol com a mão que encobre o goleiro inglês. O evento fica conhecido como ‘La Mano de Dios’. Esse certamente é o gol mais controverso da carreira do crack.

Dentro do contexto do futebol, identificamos erros que talvez pudessem ser evitados com a adoção de medidas cautelares. Os tempos eram outros. No século 21, o avanço tecnológico ganha espaço na maior parte das relações contemporâneas e pode interferir, por exemplo, numa partida de futebol.

Após a reunião anual da International Football Association Board (IFAB), entidade que regulamenta as regras do futebol, realizada em Cardiff, País de Gales, em 2016, foi aprovado por um período de dois anos a implementação do VAR (sigla em inglês para denominar o árbitro assistente de vídeo). A partir de então, seria possível medir o impacto no jogo, a arbitragem e as emoções.

Uso da tecnologia

Segundo o Record, jornal português, o uso do VAR,

em algumas ligas europeias, a exemplo da portuguesa, alemã e italiana, em que o sistema tecnológico vem sendo testado com regularidade, não impediu o surgimento de controvérsias. O recurso do assistente de vídeo passou a ser uma realidade no futebol atual. É indiscutível a sua contribuição para um jogo mais limpo e assertivo.

No entanto, o objetivo do uso do sistema não é a interferência em 100% dos lances ou ter a mesma porcentagem de acertos em decisões tomadas no decorrer da partida. O objetivo é a interferência mínima com a máxima eficiência. Após a 132.ª Assembleia Geral do IFAB, realizada na Suíça, em março de 2018, o VAR passa a estar previsto nas leis do futebol. Dessa forma, abriu-se caminho para a implementação do recurso no Mundial da Rússia, neste ano.

“Estamos, obviamente, muito felizes com a decisão”, disse Gianni Infantino no final da reunião do conselho diretivo do organismo, realizada em Bogotá, no dia 16 de março de 2018.

Ainda na ocasião, o presidente considerou a decisão como: “algo histórico, baseado no Conselho da FIFA. Uma decisão que é baseada nos experimentos que fizemos em mais de mil jogos, nos últimos dois anos. O que nos dá certeza, com feitos muito contundentes, que o VAR de fato ajuda ao árbitro e



56,9% das revisões foram para lances de pênalti ou gol

para que tenhamos um futebol mais justo e transparente.

Que é isso que a gente quer no final das contas. O árbitro que já tem uma tarefa complicada, pode cometer erros como todos. Se temos a possibilidade de ajuda-lo a corrigir alguns desses erros, acho que é importante avaliarmos que conseguimos conquistar algo importante com esse conhecimento”.

Agora, ficou a cargo do Cometer de árbitros a preparação da arbitragem para o mundial de 2018. Segundo o presidente da

FIFA, o árbitro sem o VAR comete um erro importante a cada três partidas. Com o uso da tecnologia, a cada 19 partidas. “Em todas essas situações, o VAR é usado somente após o árbitro ter tomado sua decisão (inclusive de deixar o jogo seguir adiante), ou se um incidente grave não foi visto pela arbitragem”, afirma o Manual para Árbitros Assistentes de Vídeo da CBF.

DIAGRAMAÇÃO: RENATA MENDES E THAYNÁ AGNELLI



Chacagem de cada lance durou, em média, 20 segundos, segundo relatório da IFAB

Quando se pode utilizar os VARs? Em 4 categorias de decisão que podem modificar o curso de um jogo:

Gols:

O VAR deve, segundo o site da FIFA, “ajudar o árbitro a determinar se houve alguma infração que impeça de validar o gol”. Por exemplo, um jogador adversário marca um gol de forma irregular (com a mão ou impedido). Por mais que a infração não esteja dentro das quatro categorias, entende-se que houve uma interferência no resultado da partida, cabendo o uso do assistente de vídeo para uma decisão correta. O jogo não sofre interferência, pois, o gol, por si mesmo, já paralisa a partida.

Cartão vermelho:

Se o árbitro suspeita que um jogador cometeu uma ofensa punível com a expulsão, mas restam algumas dúvidas, cabe acionar o VAR. Outra situação: o árbitro expulsa, por engano, um jogador que nada tem a ver com a infração, o assistente de vídeo poderá acionar o juiz para rever a sua decisão.

Confusão de identidade:

Numa situação, o árbitro expulsa, por engano, um jogador que nada tem a ver com a infração, o assistente de vídeo poderá acionar o juiz para rever

a sua decisão. Esse é um momento bem comum em clássicos ou jogos decisivos, quando qualquer falta pode se transformar num tumulto, atrapalhando a tomada de decisão correta.

Pênaltis:

Quando existe a dúvida quanto à marcação correta ou não da penalidade.

Relatório apresentado pela IFAB em janeiro sobre o uso do VAR

- 56,9% das revisões foram para lances de pênalti ou gol
- Média menor de 5 de revisões por jogo
- Checagem de cada lance durou, em média, 20 segundos
- 68,8% dos jogos não tiveram revisão
- Média de um erro claro a cada três partidas
- Índice de acerto de 98,9% em lances revisados
- Impacto decisivo no resultado do jogo em 8% dos jogos
- Média de revisão de 60 segundos por lance (39 via comunicação interna e 70 em casos de consulta no campo)
- A média de tempo perdido é menor que 1% do tempo total de jogo
- Um erro considerado claro não foi corrigido em 5% dos casos (1 a cada 20)